

LETRAS DE HOJE

Nº 49

SETEMBRO DE 1982

— MONTEIRO LOBATO

Edição Comemorativa ao Centenário do Nascimento

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondência:

Prof.ª Maria Rita Motta Guedes Quintella

Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Édil de Lima Alves, Petrona Domínguez de Rodrigues Pasqués e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura

— 4 números anuais —

Brasil: Cr\$ 1.600,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: Cr\$ 500,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Regina Zilberman — Apresentação	p. 5
Guilhermino Cesar — Dois Momentos de Lobato	p. 7
Marisa Lajolo — A Modernidade em Monteiro Lobato ..	p. 15
Lígia Cademartori Magalhães — O Brasil Levado a Sério	p. 23
Eliana Yunes Garcia — O Pensamento Lobatiano: "Princípios", "Meios" e "Fins"	p. 29
Regina Zilberman — Monteiro Lobato e a Aventura do Imaginário	p. 35
Fábio Lucas — O Mundo das Cartas de Monteiro Lobato	p. 47
Cassiano Nunes — A Correspondência de Monteiro Lobato	p. 61
Laura Constância Sandroni — A Função Transgressora de Emília no Universo do Picapau Amarelo	p. 87
Ernesto Wayne — Tempo e Espaço em O Minotauro ...	p. 97
Resenhas	
ZILBERMAN, Regina & Magalhães, Lígia Cademartori Literatura infantil: autoritarismo e emancipação — Elvo Clemente	p. 114
ZILBERMAN, Regina (org.) Leitura em Crise na Escola — Antônio Carlos Viana	p. 116
ASSIS BRASIL, Luís Antonio de Manhã Transfigurada — Léa Sílvia dos Santos Masina	p. 117

APRESENTAÇÃO

Tendo se destacado por uma atuação múltipla e intensa na sociedade brasileira durante a primeira metade deste século, Monteiro Lobato deixou sua marca indelével na cultura nacional. Foi homem de Letras e intelectual; mas projetou-se para fora deste círculo, ao converter-se no empresário que implantou a indústria do livro no país e que ainda promoveu outros importantes programas de crescimento econômico para a nação, visando alcançar a autonomia desta a partir da exploração de seu potencial de riquezas minerais. Nem sempre foi bem sucedido nos negócios; como industrial, fracassou mais do que venceu. Porém, nunca abdicou de seu impulso pioneiro, tanto ao semear idéias, algumas de inclinação utópica, como ao procurar transformá-las numa prática contínua, esta simultaneamente literária e comercial.

Exemplo flagrante de um intelectual que extrapola os limites das Letras, investindo sua cultura e seu talento em projetos de desenvolvimento nacional, Monteiro Lobato precisa ser avaliado na diversidade de facetas que compuseram sua atividade em vida. É o que se procurou empreender neste número especial de **Letras de Hoje**, que prestam sua homenagem ao escritor no ano do centenário de seu nascimento. Esperando ter feito justiça a esta personalidade variada e a este autor objetivo e atuante, irmanamo-nos, assim, às comemorações, legítimas, que se fazem a Monteiro Lobato e que se fazem, por extensão, às obras que ele iniciou.

Regina Zilberman,
Organizadora

DOIS MOMENTOS DE LOBATO

Guilhermino Cesar

Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

1. GÊNESE DE "URUPÊS"

Certa vez, no Rio, aonde ia com freqüência, encontrei Marques Rebelo furioso. Acabava ele de chegar do cais da Praça Mauá, fazia um calor dos diabos, e o motivo de sua irritação era este: — Com todo aquele tempo infernal, por dever de amizade, fora acompanhar conhecido escritor, que embarcava para o Norte, e tivera uma altercação com o viajante. Havia dito ao amigo uma série de impropérios, e estava arrependido. Também, não era para menos. E explicou — "Veja você. Na hora da partida, só então ele me disse a razão da viagem. Vai ao Norte recolher material para um romance... Você já viu coisa mais cretina — 'recolher' material? Briguei com ele. Vai ser burro em Piancó...".

Com efeito, o melhor material do ficcionista é o que lhe vem de dentro, a impressão maturada, as sensações acumuladas, o involuntário resíduo dos dias, dos trabalhos e das emoções. O resto, o que se busca, pode dar — e tem dado — boas reportagens, mas só a polpa sazoadada pela experiência vivida justifica realmente a criação romanesca. Ou seja: só ela explica o lado, digamos nobre, do espírito. Porque o tempo tem a faculdade de descobrir, entre as muitas versões do trivial, aquela que de fato vale a pena reter no papel. Falo em termos de obra de arte, seja o romance — cíclico de Proust, seja este recém-traduzido grande romance de Elias Canetti, **Auto-de-Fé**, que estou lendo maravilhado.

Uma impressão puxa outra, e agora me lembro do nosso romance de 30. O que há de precíval nesse longo ciclo, que nos deu umas duas ou três obras-primas, pertence à vida literária, nela figurou e ainda deverá figurar por muitos anos, mas dentro de pouco não pertencerá mais ao legado estético, à herança cultural indelevelmente marcada pelo "fulgor" da Beleza, como diria Santo Tomás de Aquino. E você aí, magrinho de Ipanema, não se ria. Escrevi isto mesmo: Beleza, uma palavra caída em desuso no vocabulário do pragmatismo triunfante, e,

apesar disso, cada vez mais necessária como signo da Permanência.

Desvie-me? Não importa. Quero tratar hoje de Monteiro Lobato, cujo primeiro centenário de nascimento comemoramos agora, pois ele nasceu em 19 de abril de 1882, no município de Taubaté, e a propósito de um escritor de sua estatura o caso que relatei, sucedido com Marques Rebelo, vem a propósito.

O criador de Emilia, Dona Benta, Pedrinho e toda a sua bem conhecida comparsaria, por motivos que ora não interessam, sobrevive hoje por ter sido, antes de tudo, o arquiteto de um sem-número de "fábulas" ao gosto do público infantil-juvenil. Ninguém mais lê hoje **O Presidente Negro, Mr. Slang e o Brasil**, nem muito menos os seus dois estudos, esbraseados de revolta, sobre o Ferro e o Petróleo. A obra de pura imaginação, a criação "desinteressada" de Monteiro Lobato, é a única que sobrevive hoje, sem perder os excitantes — a pimenta, o cravo, a canela — que lhe dão sabor. E o resto? O tempo levou...

Dentre os leitores mais apaixonados de Lobato (falo evidentemente dos que ainda não chegaram aos cinqüenta anos de vida), quem já leu esta trindade: **Urupês, Cidades Mortas e Negrinha?** Entretanto, foi com esses livros que o autor paulista abriu-se individualmente; foi com a sua cosmovisão de homem do interior, adquirida, desde menino, em contato com as gentes do Vale do Paraíba, na zona cafeeira clássica do Estado de São Paulo, que ele vagarosamente elaborou seus primeiros contos. O Jeca, uma criação admirável de Lobato, pode ser — e é — uma caricatura, deformou bastante a realidade, mas tem a natureza de um símbolo. John Bull, Buffalo Bill e outros assim, não são menos paradigmáticos do que o pobre restolho humano, comido de vermes, que o olho crítico do escritor extraiu do rancho de pau-a-pique para mostrar à Cidade, à responsável única pelo abandono em que esse irmão esquecido vegeta no ermo.

Ora bem: Lobato não foi à roça "buscar material" para sua ficção. O material de que se utilizou estava guardado dentro dele próprio, nos escaninhos de sua sensibilidade. O que ele fez não se parece nada com a operação lógica daquele amigo de Marques Rebelo... E por isso mesmo, respondendo à recriação do vivido, à elaboração do subjacente, tipos como os que aparecem no quadro rural de **Urupês** guardam intacta a faculdade de nos impressionar, a nós leitores, em qualquer época. Tanto mais quanto Lobato os projetou numa dimensão nacional.

Há mais, porém: a chamada "Literatura infantil" de Lobato não foge também ao mundo agreste do Vale do Paraíba. A fazenda do interior paulista, sua paisagem, sua ergologia tradicional, seus costumes, seus tipos, são elementos que entram na composição de tudo quanto Lobato produziu na área da ficção. Mesmo nos **Trabalhos de Hércules**, adaptação de histórias cuja origem pertence à tradição greco-latina, mesmo aí ocorre a conjunção a que aludi.

Nunca vi ninguém tão caipira, pelo lado de fora, quanto o querido Monteiro Lobato. Só conversei com ele duas vezes; mas, desde a fala ao aspecto físico, a imagem que dele me resta é a de um caipira exilado na cidade. Ora, houve de fato em sua vida uma adesão profunda ao terrunho, tal como se observa, para dar outro exemplo, em Graciliano Ramos, ou ainda em Godofredo Rangel, o autor de **Vida Ociosa**, colega de estudos, na Academia de Direito de São Paulo, e amigo íntimo de Lobato.

As cartas de Lobato a Godofredo — cobrindo quarenta anos — acham-se reunidas em **A Barca de Gleyre**. A 1ª ed. é de 1944 e para ele escreveu Edgard Cavalheiro, grande admirador de Lobato, uma nota sumamente esclarecedora. Por ela se tem idéia de como foi longa a preparação do contista que em 1918 surpreendeu o Brasil com os **Urupês**. Tendo nascido em 1882, Lobato nessa última data contava 36 anos de vida. Os jovens que hoje não podem esperar os 20 para se manifestarem gênios ficarão decepcionados ao fazer a conta... Mas não é para contrariá-los que estou cavoucando este artigo; façam o que lhes dê na imperial gana, e passem bem. O meu objetivo é tentar descobrir, na correspondência de **A Barca de Gleyre**, alguma coisa que se possa considerar organicamente vinculada à gênese de **Urupês**.

Em 1914, a despeito de já conhecido pelos seus artigos, publicados na imprensa paulista, Lobato ainda não transpusera a fronteira de seu Estado. Vivia então na sua fazenda, e de lá diz a Godofredo que se sentia fascinado pelas letras, condenado talvez irremediavelmente a ser escritor, mas não se julgava ainda preparado para realizar a grande literatura. E confessa: "... acho o meu talento muito problemático; o que tenho é jeito, habilidade". Mas em outubro desse ano ele consegue esquematizar com mais clareza suas intenções para o futuro, para quando se reconhecesse capaz de empreender uma obra séria.

A carta em que o faz é longa. Vamos citar seus pontos essenciais. Este, por exemplo: "Quantos elementos cá na roça

encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu gesto coisas, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconsciente, que é o melhor: gesto uma obra literária, Rangel, que realizada, será algo nuevo neste país vítima de uma coisa: entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades. E há o francês, o maldito macaqueamento do francês”.

No parágrafo seguinte: “Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma idéia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro — espécies incapazes de viver em outros meios. O caboclo, piolho-da-serra, também é incapaz de outra piolhagem que não a da serra. Já te escrevi sobre isto; e se a idéia volta e insiste, é que de fato está se gestando bem vivinha e será parida no tempo próprio”.

Lobato vivia nessa época uma áspera realidade: administrar sua fazenda. Como vencer, economicamente, num meio atrasado, com o Jeca a modorrar à porta do rancho? Daí nasceu a caricatura que se popularizou. Recriar esse tipo interiorano, não como um escritor da cidade que vai ao campo “documentar-se”, mas como quem sai diretamente do campo para mostrar à cidade o que viu e sentiu, este era o objetivo, então, de Lobato. Censura, por isso, na mesma carta, a atitude de Alencar, Coelho Neto e D. Júlia Lopes de Almeida. E diz ao amigo: “O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, ao Coelho, à Júlia Lopes, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade e perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez do índio, caboclo”.

Exatamente um mês depois, volta ele a dizer ao amigo: “Outro feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da serra, o caboclo considerado o mata-pau da terra: constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio — inadaptável à civilização”.

Daí nasceu o tipo. Se antes fora muito romantizado, via-se agora o caboclo excessivamente caricaturado. Lobato teve, porém, autocritica suficiente para perceber o excesso em que havia caído. Na ed. de 1923 (a nona) de *Urupês*, pede descul-

pas ao Jeca Tatu: “Eu ignorava que eras assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte”.

Como todo “tipo”, o Jeca de Lobato padece ainda de outro mal: é demasiado esquemático; um boneco. As reações humanas de que é capaz acham-se cobertas pelo verniz grosso do *humour*. Brilhante, brilhantezinho, mas engana.

Não é, Riobaldo?

2. TEORIA DO CAPILE

Apesar de muito ocupado, nos últimos dias, com outras tarefas, forcei a mão e reli parte da obra de Monteiro Lobato — os contos da primeira fase e a correspondência com Godofredo Rangel. Dos primeiros não vou falar; traslado, porém, a esta página o que está escrito numa velha ficha de leitura. O menino que fui, em dezembro de 1923, registrou a lápis num exemplar de *Urupês*, abaixo da assinatura, sua impressão. Que diz? Apenas isto: “Um Maupassant caboclo”.

As primeiras impressões, não as repudiamos, leitor amigo. São quase sempre as mais exatas. O instinto tem a seu crédito a intuição, base essencial, embora invisível, de toda arte verdadeira. E, evidentemente, da própria crítica. Sem a intuição, que seria de Sainte-Beuve? O melhor de Pound, além da melhor poesia, é o seu modo de ver o trabalho artístico dos outros. Do seu nem é bom falar; o teórico do Imagismo vai direto à face oculta das coisas, esquadrinha os segredos do escuro, projeta sobre nós um raio do Logos. Perdi-me. Estava aludindo aos *Urupês*, e eis-me nestas alturas.

Volto à planície. Ao dia-dia de um escritor seguro de si, consciente de sua possibilidade, enquanto criador, e no entanto pessimista, de um pessimismo atroz, algumas vezes. Usava-o como o janota usa alfinete na gravata e D. Leocádia exhibe os dentes de ouro, com faceirice. Mas nas cartas a Rangel, amigo de vida inteira, Lobato teve menos pose do que diante do público. Empregou a franqueza em doses maciças, sobretudo na análise de sua própria obra, e nesse particular não é nada desprezível a sua opinião: tem a validade de uma autocritica severa, como só de raro em raro se vê entre ficcionistas. Foi essa autocritica o instrumento que Lobato teve à mão para corrigir os juízos equivocados da crítica profissional a seu respeito. Tal como Érico Veríssimo, que só começou a ser criticado com seriedade no fim de sua vida, Lobato foi um escritor mais louvado, exaltado, vivado, ou escarneado e injuriado, do

que visto com isenção. O elogio que lhe pespegou, de jeito, num discurso célebre, o Conselheiro Rui Barbosa, num dos momentos culminantes da "campanha civilista", não tem nenhuma profundidade. Sintetiza, no entanto, de modo feliz, talvez de forma demasiado caricatural, o traço goyesco com que o escritor de **Urupês** reteve em água-forte a imagem dolorosa do Jeca, o grande desamparado. E, assim, todos os seus admiradores — que foram muitos — puderam tranqüilamente repetir, glosando-o de mil formas, o aresto de Rui.

O Lobato da literatura infanto-juvenil tem sido mais bem estudado. Mas o aquarelista de **Cidades Mortas** e **Negrinha**, o crítico social de **Urupês**, esse parece que só teve, até hoje, um bom crítico: o próprio autor. Sobretudo o que aparece — com todas as suas fraquezas humanas — na correspondência ativa que forma **A Barca de Gleyre**, aparecido em 1944. Vimos há pouco a gênese de **Urupês**, as condições em que foram compostos esses contos realistas, aliás bem travados, mas ainda muito presos a conceitos puristas de linguagem literária. Talvez seja este o seu único defeito, a par da voluntária adesão — que representam — a um tipo de literatura que tem em Maupassant, em Kipling, em certos contos de Fialho de Almeida, em alguns admiráveis lances costumistas de Camilo, o modelo reputado ideal por Monteiro Lobato antes de 1920.

Vejamos, porém, de que modo ele reagiu diante dessa herança que tanto prezou e da qual, em verdade, jamais se libertaria. Com a sua poderosa intuição, Lobato recriou-a. Força é reconhecer que empregou nas suas histórias infantis uma linguagem mais desimpedida, menos adstrita aos padrões lusitanos. Contudo, não perdeu de vista aquele mesmo pessimismo, aquela acidez — nele congenial — com respeito à insanável contradição do homem. Swift e Defoe, ou ainda o Kipling de **Jacala**, o **Crocodilo**, e do **Kim**, — todos esses autores de língua inglesa denunciavam, aqui de forma graciosa, ali com a margura, os desconchavos inerentes à sociedade humana. E isso é pasto espiritual que satisfaz inteiramente ao público mais jovem. É tolice pensar que este só quer devaneios. O conhecimento do mundo, para o jovem, começa no capítulo das negativas, no topo da contestação. Rindo-se do avô, dos hábitos tradicionais, da frase feita, da tradição, é que os jovens de mais pujante inteligência se adestram; é com essa matéria-prima que gostariam de ver construído o mundo. Daí a vitalidade de uma obra como **As Viagens de Gulliver**.

Não houvesse sido um panfletário, um combatente da vanguarda política, um debatedor acalorado do Livre Pensamento, Swift por certo não teria imaginado a engenhosa história de Gulliver. Da mesma forma, sem a sua vivência da roça, no

Vale do Paraíba, sem o seu malogro de fazendeiro vencido pela ociosidade doentia do Jeca, Lobato não teria recolhido talvez um pecúlio de observações tão grande como o que aproveitou em livros ulteriores, os da série infantil (aqueles que em verdade o imortalizaram, no sentido da aceitação popular universalmente considerada).

Mas agora convido o leitor a ver comigo certos textos significativos, do ângulo indicado, constantes de **A Barca de Gleyre**. Começemos pelo que esboça a "teoria do capilé". De fato, Lobato descobre a seu correspondente Rangel, com a veia de costume, um juízo pessoal interessante: — em todos os autores brasileiros, de uma forma ou de outra, a componente obrigatória é sempre um adocicado qualquer, que ele equipara ao "capilé". Em síntese: "O estilo nacional, morno e sorna, revê capilé com goma, xarope de melancia, mingau de araruta". Por isso, procurava deliberadamente "as brutezas de Camilo". E acrescenta: "Esse galego soa a carne crua numa terra em que a avaliar pelo 'amarelão' do estilo comum, os escritores só se alimentam de marmelada branca. Em todas as criaturas eu procuro sempre o carnívoro — os Kiplings, os Menckens, os Gorkis — e ponho os alfenins de banda: Pierre Loti, Catulle Mendes e mais mimos de Vênus. Meu regime dietético é o dos cloróticos: Ferro Bravais, bifes vermelhos, coisas bem azotadas. Evito farinhas. O fim em vista é mineralizar o Verbo para ver se não morro da tísica mesentérica do "estilo brasileiro", para o qual devo ter predisposição congênial."

Como vêem, Lobato atingia o alvo. Faltava apenas exemplificar, e ele não se recusou a fazê-lo: "Camilo é o estilo estadulho. Dá porradas geniais! Kipling é o estilo White Label. Enebria depressa. Gorki é vodca. Derruba. E nós? Alencar é capilé com canela, bebido em caneca de folha. Bernardo Guimarães é capilé com arruda, bebido em cuia. Coelho Neto é capilé com Grécia, bebido em ânfora de cabeça. Machado de Assis é capilé refinado, filtrado, puríssimo, bebido pela taça de cicuta de Sócrates. Afrânio (Peixoto) é capilé com ácido fênico. Rui... é... Mental Rui não é capilé. Euclides também não é capilé — mas se o fosse seria capilé com geodésia. Grandes ou pequenos, bons ou maus, em todos nós o capilé **perce**; como **perce** em todos nós, socialmente, as taras vindas naquela nau de Tomé de Sousa que nos abasteceu a estirpe com 400 degredados e 40 jesuítas."

Numa comparsaria tão numerosa, abarcando toda a gente, não podia faltar ele próprio; e Lobato, em verdade, não se poupou. Acrescenta: "Ora, eu sou também capilé — mas um

capilezinho que se convenceu disso a tempo, e procura avingar-se. Está claro que o não conseguirei nunca. Serei sempre, no fundo, um capilé com farofa — mas **reajo e procuro** desvencilhar-me da predestinação." Mais adiante, dirá: "Meu estilo está em formação. Talvez fique em formação toda a vida. O de hoje é uma fase. Fase da Lua Cheia, talvez precursora de mais equilibrada e discreta Minguante."

Note o leitor que isso foi escrito em 1917, antes da "glorificação" de **Urupês** pelo conhecido discurso de Rui. A propósito, contaria Lobato a Rangel, aludindo ao efeito, nas livrarias, daquelas palavras do grande orador: "O discurso de Rui foi um pé de vento que deu nos **Urupês**. Não ficou um para remédio, dos 7.000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isto antes de um ano, hein? O livro assanhou a taba — e agora, com o discurso do Cacique-Mor, vai subir que nem foguete". Este último trecho é de uma carta de abril de 1919.

Vale observar que esse êxito sem precedentes contribuiu para desfazer escrúpulos de Monteiro Lobato, pouco antes enunciados, com respeito ao tipo de ficção que vinha fazendo. Acerca de **Faroleiros**, o conto de abertura dos **Urupês**, havia dito o autor, em junho de 1917, ao amigo Rangel: "... muito bem escritinho (...), não passa de um **pot-pourri**." E é curioso ver como havia julgado a si mesmo, antes da crítica, ainda na fase de gestação do livro atrás citado: "Botei ultimamente quatro ovos novos, da nova fase: **Pollice Verso**, **O Matapau**, **O Estigma** e **O Comprador de Fazendas**. Vou dar um livro inçado de dramas e mortes horrendas, mas com pantomima cômica no fim, como nos circos."

Vou parar aqui. Ao extratar da correspondência os tópicos que aí ficam, quis apenas dar a mim mesmo, e também ao leitor, a quem as ofereço, algumas amenidades lobatianas, no mês do centenário de seu nascimento. Atrás das quais, no entanto, vejo presente aquele modo de olhar, entre severo e afável, do escritor paulista. De um homem cheio de contradições, uma inteligência cambiante e volúvel, a quem uma legião de brasileiros, da casa dos quarenta anos para baixo, deve muita coisa. A irreverência de que deu provas, na vida como na literatura propriamente dita, contribuiu para livrar tal geração, em grande parte, da "apagada e vil tristeza" com que a ameaçava, impunemente, o capilé. Bem superior, no entanto, a inofensiva beberagem, à rapadura, água e sabão da florescente indústria nacional dos refrescos.